

Autor: Ruzon

A banalidade do mal 2.0: ensaio sobre a apatia no luto



- Que atmosfera triste essa...
- Sim, meu amor. Vamos nos cuidar. Criar uma rede de apoio para proteger os nossos chegados.
- Sim, vamos. Durma bem!
- Você também.

Essa foi a última conversa que tive com minha namorada, pouco antes de (tentar) dormir, ao comentarmos sobre nosso cotidiano, passando pelas mortes de Bruno Covas, Eva Wilma e MC Kevin, em menos de 24

horas, ainda juntando os cacos da partida de Paulo Gustavo.

Hannah Arendt, já radicada nos Estados Unidos, fora escalada para cobrir o julgamento de um nazista na Alemanha pós-guerra, em 1961: Adolf Eichmann

Descreveu o criminoso como um homem comum, não “preenchia os requisitos” de um psicopata, um tirano: era um subordinado cumprindo seu dever. Embora tendo negado os crimes, foi condenado nas 15 acusações que sobre ele caíra.

Arendt criou a expressão “a banalidade do mal”, como subtítulo do livro “O caso Eichmann em Jerusalém”.

Para chegar a essa conclusão, ela se debruçou em seus estudos e concluiu que a maldade é uma decisão política, não é da natureza humana tampouco metafísica. É uma deliberação social, a partir da ausência do pensamento crítico, onde o mal se instala. O mal é a cunha na fenda da falta de reflexão.

Em menos de 24 horas, não conseguimos direcionar nossa dor para um lado só. Se não bastasse nossas lutas internas para encontrarmos razões para seguir adiante, genocídio na Palestina, pandemia interminável, o luto virou nossa rotina. Falam em 3 mil mortos/dia como se não fossem pessoas, mas coisas.

Banalizamos o luto.

O mal encontrou solo fértil na ausência do nosso olhar para dentro e para o próximo a partir daí. Zombamos da Filosofia e outros cursos de Ciências Sociais aplicadas. É desnecessário. Bando de maconheiros!

A conta chegou.

Não discutir o mal em Rousseau, Hobbes, Locke, a Utopia em Morus, Santo Agostinho, o Existencialismo em Sartre, a Arte em Nietzsche, a consciência de classe em Marx e Engels, o Mito e o Rito em Jung, engessou nossa capacidade de expandir a alma (ou seu equivalente na Psicologia), fazendo-nos reféns desses monstros que criamos.

Uma sensação de impotência, de insuficiência toma nosso ser, diariamente, a cada login, a cada zapeada nos canais. Dor, tristeza, melancolia. Vamos nos agarrando em pedras soltas, escalando essa montanha das esperanças. O que fazer?

Arendt nos convida a uma reflexão, uma alternativa: passou da hora de preenchermos nossas lacunas internas com criticidade, empatia e alteridade. Passou da hora de olharmos o outro como parte de um Todo, da Vida. Passou da hora de encararmos a maldade como uma decisão política, e que como tal, pode ser desfeita.

Como diz Kant: com um amor prático.

Eu ainda acredito e preciso de você. Sozinho eu não consigo.

Não quero me despedir do meu amor todo dia com um amargo no paladar.

Me ajuda?

Data de Publicação: 21-05-2021